

## DISCURSO recebimento da “MEDALHA DA ABOLIÇÃO”

Minhas Senhoras, meus Senhores;

Alegre estou, tão contente quanto embaraçado, no vestibulo de meu agradecimento, entre dizer o muito e o pouco.

Dante, citado pelo meu inesquecível professor de folclore, Luís da Câmara Cascudo, aconselhava " melhor calar, que dizer pouca coisa."

Mas já o virtuoso e retilíneo Confúcio enfatizava: " Quando houver muito o que dizer, dissei sempre menos do que o necessário."

Desse modo, ante as inesperadas emoções dessa hora, confesso que dizer pouco é não dizer nada, e dizer muito, muita vez, como agora, - dizer menos.

Nesse dilema que me angustia, confesso.

Com a outorga da Medalha da Abolição dão-Oke nkuíto mais do que, em sã consciência, eu poderia merecer.

Por mais que me contemple a mim mesmo, e me anime a olhar 6 ver as razões desse merecimento, padece de justificação plausível, sem dúvida, tamanha honraria.

E a tanto, em esforço de memória tento avaliar as minhas ações, as que profissionalmente inscrevi na história das comunicações do Ceará, ou as que desempenhei desde os longes de minha radiosa mocidade, nos palcos do Educandário Santa Maria e Teatro Escola Renato Viana, e nem aí nessas circunstâncias, e nem por diante, quando já representado e até aplaudido, não percebo de modo afirmativo em que verdadeiramente me destaquei abonto de imitar a fala de Calcas, em "Tróilo e Cressida", de Shekespeare:

"Agora, príncipes, chegou a hora de reclamar-vos bem alto a recompensa pelo serviço que vos prestei."

.Em verdade em meu despretenso mas longo itinerário artístico e literário, mais terei servido a mim mesmo que a meus conterrâneos. E nada mais fia, em rigor, ao longo de todos esses anos, que tentar pagar o impagável, a memorável dívida de o Ceará ter-me concedido o direito de aqui nascer, inserindo-me em esplêndido presépio, ao pé de verdejante montanha, a Aratanha, onde, pelo amanhecer não voam pássaros mas anjos, em primaveras que sonhamos, quando os paus-d'arcos amarelos florescem, e em cada flor está uma moeda de ouro reluzindo ao sol.

Tomo a Shekespeare, não por pedantismo mas a empenhes de retórica, antes que me peçam explicações para tanta fantasia, a repetir a indagação de Katharina a Petruccio, em " A Megera Domada " :

"Onde aprendeste todo esse discurso?"

E qual Petruccio, acanhado para não me dizer bisonho, e mal afeito a agradecimentos de tamanha nobreza, responder simplesmente, com moderada emoção:

"Não aprendi. É um dom que herdei da mãe natureza..."

Dom? Dons, melhor referir.

Estou com a sabedoria de Cícero, quando sentenciou : "enquanto o homem vive, está num palco."

Em hora de recordar, vem ao caso contar que a minha inserção teatral vem de longe, começa a acontecer em 1938, arrebatado pela luz das gambiarras, um Caifaz logo promovido a Jesus.

O teatro me absorveria por inteiro, paixão arrebatadora, inominada, a me fazer real, em todos os meus momentos, a sensação de estar no palco.

Assim, fui. Assim, sou. E minha vida toda, creiam-me, acaba sendo a única peça que não escrevi.

Por mais me tenha exercitado na dramaturgia, pouco fiz. O grande texto que represento, e nele tenho prosperado com crescente determinação e amor, foi o que me inspirou, sem nunca me faltar, a minha pátria, o Ceará.

Felizmente - e dou-me afortunadamente grato a Deus por esse merecer " não sou ente unitário mas plural, graças a tudo o que essa dadivosa terra me inspirou com a legitimidade de sua natureza, e em nenhum momento, mesmo no meu resignado outono, o Ceará deixou de caber redondo e perfumado em meu coração que não desaprendeu o amor.

Vem hora de confessar:. Sou um ente hídrico.

Não sou de praia, de enternecimentos náuticos. Nem tampouco me seduzem os "verdes mares bravios", ainda que nisso desconsole a José de Alencar.

Minha paixão se concerta com os sentimentos em que se misturam os odores de matos, de chuva molhando a terra, de rios correndo, em liberdade, e de águas represadas, como as do "Castanhão ", onde o sertão já começou a virar mar, como anunciado nas profecias.

De resto, estou sempre ao pé da montanha, como referi antes, a ver as gentes e as outras coisas – ensinamento aprendido a Camões.

E, a tanto, a ver tudo que Deus criou em nosso território geográfico, inserido na paisagem mais surpreendente do mundo, onde mesmo o sol de arregalado olho, em brasa, não consegue prostrar a terra, que, a um repente. quando menos se espera, está ressurrecta, e os verdes desconturbados com a chegada do inverno.

Jamais traí o meu destino nem a terra que me viu nascer. Em cada página de minha incipiente literatura tenho tentado exaustivamente , e espero que me considerem exato, com ser merecedor das minhas origens, sabidamente mais telúricas que humanas.

Senhoras; senhores;

Sinto-me altamente lisonjeado, de poder estar aqui, nesse cenário privilegiado, o Palácio da Abolição, cercado dos que me querem bem e se consentem amados por mim.

A escolha desse ambiente expressa sem dúvida alguma o bom gosto Cívico , a sensibilidade de Espírito do homem de Inteligência e bem aprendido nas Letras, o governador Lúcio Alcântara, humanista de tempo integral na medicina e na política, que, como exímio "meteur-en-scène", escolheu o mais bonito cenário para nos tomar a todos afores na mais importante solenidade de premiação do Estado.

Deus, em sua infinita benevolência, me concedeu sempre a graça de me fazer contentado com o pouco.

Hoje, de modo inesperado, não só inflacionou favores, como me contemplou com o muito.

E me deu por palco de tantas alegrias , volto a enfatizar, o Palácio da Abolição, primoroso monumento artístico, mais esplendoroso essa noite, graças a sedutora magia do Governador Lúcio Alcântara.

Em drama de Samuel Beckett, "A Espera de Godot", o personagem Viadimir, em dado instante, reconhece: "A única coisa difícil é começar".

Não é bem assim.

Difícil, creiam-me, é acabar, dizer "tenho dito", "muito obrigado", ausentar-se de cena, ver o pano de boca, a cortina, descer, terminando o espetáculo.

Saio de cena, é bem verdade, mas com a idéia de que essa noite jamais alcançará o seu fim.

E o faço, podem acreditar, em estado de graças, qual menino feliz que acaba de ganhar o seu primeiro velocípede...